



SEM TERRINHA EM MOVIMENTO:

o olhar da infância Sem Terra¹

Thaís Luanne Costa de Oliveira²

Renata da Silva Nobrega³

RESUMO

O presente artigo apresenta o olhar de crianças do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), em Rondônia, sobre o que é crescer em acampamento e assentamento, sobre ser criança e estar na luta pela terra e por direitos. Por meio de uma pesquisa participante, o artigo discute a formação de sujeitos emancipados e emancipadores através da luta do movimento social, partindo do princípio de que a criança Sem Terrinha tem uma história de vida, de interações e de ações. A pesquisa teve por objetivo evidenciar as lutas e o protagonismo da infância Sem Terra no estado de Rondônia, estabelecendo um recorte em torno dos processos organizativos das crianças do Assentamento Palmares para garantir sua participação no Encontro Nacional de Crianças Sem Terra, realizado em julho de 2018, em Brasília, incluindo a organização do Encontro Estadual e os desdobramentos desde o retorno para casa. É expressiva a forma como os momentos de interação dos Sem Terrinha com outros fazem com que as crianças aprendam sobre solidariedade, amizade, carinho, companheirismo, compromisso, união e como transformam tudo isso em força para lutar.

Palavras-chave: Educação do Campo. Reforma Agrária. Infância. Sem Terrinha. Luta pela terra.

INTRODUÇÃO

Nasci e cresci em um lar camponês. O trabalho no campo faz parte do meu cotidiano desde que consigo me lembrar. Morávamos nas terras de meu avô materno, na linha 72 da RO 470, em Mirante da Serra, na região central de Rondônia. Meu avô materno nasceu no interior da Bahia. Cresceu vendo seu pai vender o almoço para ter o que comer no jantar. Desde cedo, ia pra lida ajudar seu pai a alimentar 11 bocas. Não era fácil. Com 17 anos, fugiu de casa para não passar fome, trabalhava feito um condenado em troca de um prato de farinha, carne seca e

¹Artigo apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

²Graduanda do curso de Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: thaisluanne1@gmail.com

³Professora do curso de Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: renatanobrega@unir.br

um pedaço de rapadura. Dura vida. Quando mais velho, casado com vóinha, também baiana, surge a oportunidade de ir para o norte, terras férteis e fartas onde cada um teria direito ao dobro do que conseguisse derrubar. Ledo engano. Quanto mais trabalhavam, mais descobriam que, para sustentar todos os filhos, seria necessário trabalhar dobrado. E o fez. Minha mãe, a caçula de 09 irmãos, sempre doente, estava atrasada na escola, mas conseguiu completar a 4ª série. Voinho acreditava que mulher tinha que aprender a passar, lavar e cozinhar, ler não era fundamental. Aos 15 anos, minha mãe conheceu meu pai e se apaixonaram.

Meus avós paternos são de Minas Gerais, contudo, migraram para o Espírito Santo e, lá, meu pai e 04 irmãos nasceram. Meu pai, o mais velho dos irmãos, quando vó faleceu, cuidou de seus irmãos para que meu avô pudesse trabalhar e pôr comida na mesa. Vieram para Rondônia, meu avô já estava casado novamente, o que acrescentou 3 pessoas à família, pois a madrasta de painho já tinha 2 filhas. Depois vieram outros 2 irmãos para somar à família. Meu avô era marceneiro e ensinou a profissão para os filhos e, além do trabalho, entendia que os estudos também eram importante, por isso fez o que estava ao seu alcance para que os 09 filhos estudassem. Contudo, nem todos queriam estudar e meu pai era um desses. Concluiu apenas a 6ª série. Com 23 anos, meu pai conheceu minha mãe e se apaixonaram. Casaram e, depois de um tempo trabalhando com seu pai, se mudou para o sítio dos pais de minha mãe.

Mesmo não tendo o magistério, meu pai tornou-se professor porque não tinha quem quisesse dar aulas em um lugar tão distante da cidade e a professora, que estava de saída, via nele o potencial para a profissão de educar. Nos mudamos para a Serrinha, perto da aldeia dos Uru-Eu-Wau-Wau, para que painho pudesse lecionar. Recordo de meu pai falar que não assistiu a infância dos filhos, pois, quando ia para a escola, nós ainda dormíamos e, quando retornava, alimentava meus irmãos e pouco depois os colocavam para dormir. Nosso contato era maior aos fins de semanas. Nesse ato de educar, ensinou-nos o alfabeto, os números, as palavras e, quando chegou nossa idade escolar, sabíamos muitas coisas. Quando ele parou de lecionar, por não ter o magistério, voltamos a depender, exclusivamente, do que era produzido no sítio do voinho. O que era pouco. Meus pais sentiam a necessidade de ter um pedacinho de terra onde pudessem roçar, capinar, plantar, colher, chamar de nosso. Painho ficou sabendo de um acampamento e de um Movimento que organizava as famílias.

No ano de 1994, muitos camponeses sem terra estavam se integrando ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)⁴ para formar o Acampamento Zumbi dos

⁴MST é um Movimento Social Popular que luta pela democratização do acesso à terra, pela Reforma Agrária e por mudanças sociais no país. Seu período de gestação data de 1979 a 1984, quando foi consolidado no Encontro

Palmares, localizado na linha 203 em Vale do Paraíso. Depois de uma visita para saber como funcionava, e encantados com a possibilidade de ter o nosso pedacinho de chão, meus pais resolveram que iríamos acampar. À época, meu pai, Gilmar Pedro, tinha 33 anos e, minha mãe, Maria Costa, 25 anos, tinham quatro filhos: Jean Pablo com 8 anos, Ruan Pierre com 6 anos, eu, Thaís Luanne, com 5 anos e Luann Petter, o caçula, com 2 anos. Foram muitas lutas, mudanças e ocupações na sede do Instituto Nacional de Colonização da Reforma Agrária (INCRA) até conseguirmos a tão sonhada terra no Assentamento Palmares, em Nova União, em agosto de 1997.

Possuo tantas lembranças dessa nossa chegada ao acampamento. Recordo-me bem do barracão e suas reuniões chatas e intermináveis aos olhos de uma criança, mas necessárias para manter a organicidade⁵ do acampamento e do próprio MST. Recordo-me das tantas brincadeiras que fazíamos (pedrinhas, passar anel, futebol, soltar pipas, construir carrinhos, pique-esconde...) e foram se perdendo, sendo substituídas por outras brincadeiras conforme crescíamos. No acampamento, havia uma escola multisseriada⁶ que atendia as crianças em idade escolar. Os professores eram os próprios acampados que tinham alguma formação e se revezavam para lecionar.

Nessa mesma época, o Setor de Educação do MST⁷ estava discutindo, em âmbito nacional, o lugar da infância no Movimento. Em 11 e 12 de outubro de 1994, aconteceu o 1º Congresso Infantil do MST, em Porto Alegre, que teve como tema “A criança e seu espaço na sociedade”. As crianças presentes registraram no Manifesto do Congresso “que nossos espaços estão em todos os lugares: na família, na escola, na comunidade e na sociedade” (MST, 1994, p. 37). O lugar da infância do MST é onde o MST está inserido, lutando juntos, sorrindo, construindo, conquistando, debatendo e protagonizando lutas. Compartilhando deste sentimento de pertença com a Sem Terrinha de vinte e cinco anos atrás, apresento neste artigo os processos de organização política das crianças Sem Terrinha do Assentamento Palmares. Aqui, criança também faz luta e enfrenta o sistema capitalista hegemônico, inclusive nas

Nacional de Trabalhadores Sem Terra que se realizou de 21 a 24 de janeiro de 1984, em Cascavel, Paraná. Se caracteriza pelas ocupações de terras como forma de luta.

⁵ No processo de construção, formação e expansão do Movimento se fez necessário, para a organização interna, os *princípios organizativos do MST*, são normas gerais a que se propõe o Movimento e seus militantes para organizar as famílias em núcleos, comissões e setores de forma que todas e todos participem ativamente das atividades. A esse modo de atuação chamamos *organicidade*, que é o elemento fundamental que possibilita a existência do MST enquanto Movimento Social. É dessa organicidade que surgem os setores do MST: Setor de Formação, Setor de Produção, Setor de Saúde, Setor de Educação e etc.

⁶ A escola multisseriada é uma forma alternativa de trabalho pedagógico no campo, em que o professor trabalha numa mesma sala com várias séries conjuntamente, atendendo alunos com idades e níveis de aprendizados distintos. Existe no Brasil desde o período colonial.

⁷ O surgimento do Setor de Educação decorre da urgência de defesa do direito constitucional à educação, pois nas ocupações de terras havia a presença de crianças e jovens em idade escolar.

escolas onde estudam, recusando projetos alienantes, como a proposta de Ensino Médio com Mediação Tecnológica (EMMTEC), ou defendendo símbolos da luta, como é o uniforme vermelho da escola do assentamento.

Em julho de 2018, o MST realizou seu I Encontro Nacional das Crianças Sem Terrinha, ano marcado por muitas lutas, expressão do acirramento da luta de classes e da necessidade de seguirmos nos organizando. O Encontro reuniu 1.200 crianças e 400 educadoras e educadores em Brasília, em quatro dias de muita festa, brincadeiras, estudo e luta. Três gerações de mulheres de minha família se fizeram presentes: minha mãe, eu e minha filha, além de um sobrinho e muitas crianças amigas e adultos companheiros de luta. Já interessada na infância Sem Terrinha, o Encontro Nacional acabou se tornando um dos momentos centrais para a pesquisa, que resultou neste artigo. Ao longo do processo de pesquisa, tive por objetivo evidenciar as lutas e o protagonismo da infância Sem Terra no estado de Rondônia. Acabei estabelecendo um recorte em torno dos processos organizativos das crianças do Assentamento Palmares para garantir sua participação no Encontro Nacional, incluindo aí a organização do Encontro Estadual e os desdobramentos desde o retorno de Brasília.

Os caminhos que trilhei se pautaram pela pesquisa participante, tal como discutido por Carlos Rodrigues Brandão e Maristela Correa Borges:

O ponto de origem da *pesquisa participante* deve estar situado em uma perspectiva da realidade social, tomada como uma totalidade em sua estrutura e em sua dinâmica. Mesmo que a ação de pesquisa e as ações sociais associadas a ela sejam bem locais e bem parciais, incidindo sobre apenas um aspecto de toda uma *vida social*, nunca se deve perder de vista as integrações e interações que compõem o todo das estruturas e das dinâmicas desta mesma *vida social* (BRANDÃO; BORGES, 2007, p. 54).

Assim, parto do princípio de que a criança Sem Terrinha tem uma história de vida, de interações e de ações, sejam locais ou em contexto mais amplo. A pesquisa de campo, mais que “puro ato científico”, foi uma intensa vivência com as crianças, como discutiu Brandão:

O trabalho de campo, a pesquisa antropológica, para mim, é uma vivência, ou seja, é um estabelecimento de uma relação produtora de conhecimento, que diferentes categorias de pessoas fazem, realizam, por exemplo, antropólogo, educador e pessoas moradoras de uma comunidade rural, lavradores, mulheres de lavradores, pequenos artesãos, professoras das escolas e assim por diante. (BRANDÃO, 2007, p. 12).

Respeitando o contexto onde as crianças estão inseridas e fazendo parte do cotidiano delas, vivenciei as brincadeiras, os trabalhos desenvolvidos por elas nos sítios das famílias e tentei criar espaços para que elas dialogassem sobre as lembranças dos encontros em que

havia participado. Para apreender mais sobre seu cotidiano, adotei o uso do Diário de Campo, registrando minhas observações.

As crianças que acompanhei durante a pesquisa moram no Assentamento Palmares. São filhas e filhos de camponeses e militantes do MST. Trabalham a terra, estudam, brincam de bonecas, brincam com carrinhos, jogam bola, brigam, choram e sorriem. Embora meu cotidiano como moradora do assentamento me colocasse em contato com muito mais crianças, para esta pesquisa centrei atenção nas quatro que participaram do Encontro Nacional. Eu já as conhecia anteriormente, ou pelo parentesco ou pela vizinhança. Para estabelecer a relação de pesquisa, expliquei a elas e aos seus responsáveis o que pretendia fazer, obtendo autorização das crianças e dos adultos. As crianças sabiam que poderiam encerrar as conversas quando não estivessem à vontade. Entenderam facilmente as condições, afinal são crianças que conhecem e lutam por seus direitos. Para preservar suas identidades, pedi que escolhessem nomes para identificá-las no texto. São Crianças-Flores: Jasmim, Girassol, Margarida e Alecrim. Jasmim tem 09 anos, seu pai foi acampado e assentado junto com a minha família, depois de assentado conheceu sua esposa nas viagens de militância e se casou. Jasmim é uma menina meiga e delicada mas sem medo de lutar pelos seus direitos. Girassol tem 07 anos, prima de Alecrim, 10 anos, moram com os avós, sua família é militante do MST e passou por todo o processo de acampamento. Margarida tem 11 anos, sua família mora no assentamento desde 2013, quando foram assentados onde antes era a sede do assentamento. Todas as crianças estudam na Escola Paulo Freire, escola fruto de muita luta das assentadas e assentados. Além dos contatos cotidianos, propus uma roda de conversa para que contassem suas impressões sobre o Encontro Estadual em 2017, a viagem para Brasília e o Encontro Nacional em 2018, bem como suas expectativas, o que trouxeram de bom, o que ficará na memória.

O papel político deste trabalho que já estava estabelecido na própria escolha do tema, ao discutir a formação de sujeitos emancipados e emancipadores por meio da luta do movimento social, ganhou ainda mais relevância após o recente ataque orquestrado por setores conservadores da sociedade contra os Sem Terrinha. Em fevereiro de 2019, uma extensa reportagem veiculada pela Rede Record utilizou o I Encontro Nacional das Crianças Sem Terrinha para denunciar uma suposta doutrinação ideológica sofrida pelas crianças do MST, que seriam vítimas de lavagem cerebral, obrigadas a cultivar símbolos revolucionários, como as bandeiras vermelhas e personalidades como Che Guevara. Ainda que não pretenda ser uma resposta a estes ataques, este trabalho contribui para a compreensão da perspectiva das crianças Sem Terrinha sobre os processos de luta em que estão envolvidas. Mostrarei, aqui,

como as mobilizações infantis no MST envolvem dimensões educativas, organizativas e de conquistas através dos espaços que reúnem as crianças Sem Terrinha em atividades coletivas e que, de forma organizada, passam a construir um referencial próprio de luta.

1 A INFÂNCIA SEM TERRINHA

Nos acampamentos e assentamentos da Reforma Agrária há famílias compostas por pais, mães, avôs, avós e crianças de várias idades, vindos de diversas realidades e com um grande sonho em comum, que os unem em Movimento para conquistar seu pedacinho de chão e poder construir sua casa, plantar, colher, construir laços, enfim, cultivar a terra e as amizades. Assim, conforme Risso em “A infância e a criança no e do campo”:

É nos momentos informais, como roda de chimarrão, na hora das refeições, durante as atividades agrícolas, e na convivência do dia a dia, conversando, realizando seus afazeres e observando as falas e ações de seus pais, que pais e filhos vão revelando-se, aprendendo, influenciando-se. A partir das observações das crianças em relação a seus pais e, também, da interação entre as crianças e seus pais, ficam claras as influências, determinantes e fundamentais, das atitudes e falas dos pais na formação das crianças (RISSO *et al.*, 2006, p. 118).

Crescer em acampamento e em assentamento, estudar em uma escola dentro do assentamento com professores que compreendem a nossa realidade e que dão o melhor de si para que permaneçamos no campo, possibilitou-me aprender a viver em coletivo, a respeitar o espaço do outro, a valorizar o trabalho no campo. Quando construimos a escola Paulo Freire, a cada funcionário que era contratado para trabalhar na escola, fazia-se uma reunião para explicar o nosso processo de luta até conquistar o tão sonhado pedaço de chão. Recordo que, nessas ocasiões, meu tio Eliezer, que fez parte do processo de luta para conquistar o Assentamento e trabalhou na escola como vigia noturno, falava sobre cada conquista, cada luta, cada vez que se fez necessário reunir todo o assentamento para ocupar a prefeitura de Nova União em busca de melhorias para o assentamento e a escola. A gente ia pra prefeitura, a escola ia junto, porque todos entendíamos a importância da luta coletiva e organizada. Havia o sentimento de pertença que me fez compreender, desde cedo, que as lutas pela Reforma Agrária e pela educação andam juntas, lado a lado, para a transformação da sociedade.

Recordo-me dos muitos Encontros Regionais e Estaduais que fazíamos na Sede do Assentamento Padre Ezequiel, em Mirante da Serra. Lembro das oficinas, brincadeiras, dos debates e discussões sobre o que é ser Sem Terrinha do MST e participar, junto com meus pais, da luta por reforma agrária, justiça social e igualdade de direitos. Nos encontros, era uma

alegria encontrar tantos amigos de outras áreas onde o MST estava organizado. Era sempre uma festa e quem havia aprendido uma brincadeira ou música nova ensinava os outros. O momento mais aguardado dos Encontros era sempre o de jogar bola, juntava meninos e meninas, educadoras e educadores, muitos gols, risadas e, agora, recordações. Conforme crescíamos e nos tornávamos os adolescentes Sem Terra, fomos assumindo algumas tarefas, ainda que pequenas, para contribuir com o Movimento, sempre orientados por um adulto. Fosse organizar uma *mística*⁸ ou ornamentar o espaço onde aconteceria a atividade, estávamos sempre por perto.

Estas experiências forjam o sentimento de pertença das crianças Sem Terrinha, que lutam por seus direitos, “cuja identidade vai sendo forjada e construída na luta da própria organização” (SILVA; FELIPE E RAMOS, 2012, p. 420). São crianças que se constituem enquanto sujeitos na coletividade, na participação nos trabalhos, nas atividades políticas e culturais, que têm seu próprio jeito de intervir na comunidade. Os Sem Terrinha evidenciam, em seus modos próprios de ser, que a infância só pode ser entendida enquanto “infância”, uma categoria social histórica, situada, pensada a partir dos contextos onde as crianças estão inseridas, em suas singularidades e suas especificidades (BARROS; PACÍFICO, 2018).

1.1 Vamos cirandar?

No processo da luta pela terra promovido pelo MST, a infância Sem Terra ganha destaque, desde o princípio, quando as mães queriam participar ativamente das atividades e precisavam deixar os filhos em ambientes seguros. Assim, foram criadas as primeiras experiências de atendimento organizado para as crianças pequenas, exigindo a auto-organização para que acontecessem. Estes espaços foram inicialmente denominados Círculos Infantis, fazendo referência às experiências cubanas e, “após longo processo de discussão passou a se denominar Ciranda Infantil, que remete à nossa cultura popular, às nossas danças, brincadeiras, e à cooperação, a força simbólica do círculo, ao coletivo e ao ser criança” (DALMAZ; SCARMOCIN, 2011, p. 5).

A Ciranda Infantil pode ser entendida como uma conquista das mulheres que desejam participar das atividades sem ter que deixar os filhos em casa, mas, principalmente, uma conquista das próprias crianças que, nesse processo, vem protagonizando lutas e rompendo

⁸ A *mística* é um dos momentos presentes no cotidiano do MST. De acordo com Ademar Bogo (2002, p. 21) “tudo o que fazemos, sentimos e pensamos de forma repetida cotidianamente, faz parte da cultura”. Assim *mística* pode ser definida como algo que permanece sempre em movimento, não estático e nos dá força para continuar no caminho, para continuar lutando.

com a lógica hegemônica do capital, pois, “pensar e fazer a infância é considerá-la no presente. Não a médio e longo prazo. É pensar quem é a criança no MST, quais são suas tarefas” (MST, 2017, p. 176) e direitos. Diante do vácuo de propostas para a Educação Infantil do Campo no Brasil, as Cirandas se destacam como um avanço na efetivação do direito à educação aos sujeitos do campo, inclusive às crianças (DALMAZ; SCARMOCIN, 2011, p. 12), tornando-se uma referência para outros movimentos populares:

A Ciranda Infantil, assim chamada desde 1997, se tornou uma referência no MST, inclusive e principalmente para as nossas crianças, mas também se tornou referência externamente, para diversas organizações da classe trabalhadora no Brasil e em outros países. Esta é uma conquista da nossa organização e um espaço de luta e formação para os filhos e filhas da classe trabalhadora do campo. (MST, 2017a, p.176),

As Cirandas estão inseridas no contexto da comunidade e possuem relação com aquela realidade, com os sujeitos daquele Campo. As crianças fazem parte de toda a dinâmica e organicidade nos/dos espaços. Os educadores possuem vínculos com a criança e a comunidade, têm uma relação de amizade e companheirismo, “desenvolvem e assumem o sentido de pertença a essa luta” (ROSSETO; SILVA, 2012, p. 126). A Ciranda se dá nos assentamentos e acampamentos onde o MST está organizado e se funda nas necessidades das crianças ou das mulheres envolvidas nas atividades diárias dos espaços do MST: cooperativas, escolas, roçados, entre outras, e também de forma itinerante, pensada para os espaços de reuniões, encontros, cursos de formação, marchas e congressos. São organizadas para que a criança acompanhe os pais nas diferentes atividades de curto prazo, tem data de início e de término. Suas atividades pedagógicas são desenvolvidas em consonância com as atividades que seus pais participam⁹.

Sendo um espaço preparado para a criança, as Cirandas Infantis se tornam um processo de formação de militantes e sua característica muda de acordo com a atividade desenvolvida. Assim, “é nesse cirandar da Ciranda que as crianças vão compreendendo o projeto de sociedade que o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra está construindo e

⁹ É preocupante que a Licenciatura em Educação do Campo da UNIR ainda não tenha organizado sua ciranda infantil. Desde que entrei no curso, quantas crianças já estiveram presentes em sala de aula? Quantas vezes vimos a importância de uma Ciranda Infantil em nosso curso? As mães, ainda amamentando, levam os filhos pra sala de aula e noto que isso atrapalha o desempenho delas. A turma se reúne, cada um cuida um pouco, contribui como pode, porém, não tendo o apoio de um educador infantil, de uma Ciranda, a mãe não se sente confortável em continuar levando a criança com medo de atrapalhar a turma e, com isso, o desmame é antecipado para que a criança fique em casa e a mãe possa estudar. Tivemos a experiência de levar uma educadora, mas ela perdia uma semana de aula pois era estudante do ensino médio.

vão realizando sua infância, pois esse processo não precisa ser isolado do espaço da luta de classe” (ROSSETO; SILVA, p. 127).

Além das Cirandas, o Movimento tem produzido um vasto material sobre a infância Sem Terra. Nesse sentido, ganha destaque os materiais voltados para as crianças Sem Terrinha, que falam de crianças que soltam pipa e jogam bola¹⁰, cantam, plantam, brincam e lutam por terra, por escola, saúde e educação. Crianças livres. Um dos destaques é o da produção do Jornal Sem Terrinha, resultado do envolvimento dos setores de Educação, Comunicação e Cultura para que, assim como os adultos, as crianças tivessem uma publicação própria, com edições mensais para dialogarem com os acontecimentos de cada região do país, cada estado, com os avanços das conquistas que protagonizam. A primeira edição do Jornal das Crianças Sem Terrinha circulou em 2007, com quatro páginas contendo fotos, notícias e receitas de guloseimas. Além do Jornal Sem Terrinha, as crianças contam com a Revista das Crianças Sem Terrinha, com edições anuais cheia de poemas, cruzadinhas, quebra cabeças, receitas, informações e, conforme o Internacionalismo¹¹ defendido pelo MST, as últimas edições trazem o contexto dos países em que o MST possui brigadas de solidariedade, alguns deles são: Palestina, Síria, Haiti, Cuba e Venezuela. Pensando a infância e a cultura, construímos o Plantando Cirandas, série de CDs produzidos com/para as crianças, que está em sua 3ª edição e traz, além de músicas infantis produzidas pelas cantadoras e cantadores do MST, músicas das próprias crianças, resgatando as cantigas de roda do tempo dos avós. Essa dimensão de cultura está presente em todos os nossos espaços. Faz parte da construção da nossa Mística, do ser Sem Terra. É importante e essencial que a criança esteja, também, inserida na construção cultural do Movimento.

¹⁰ Referência à música Palestina Livre do CD Plantando Cirandas 3, que as crianças Sem Terra do Pará escreveram em homenagem a Palestina. “Convidamos as crianças pra pintar no muro da desigualdade. É o Sem Terrinha cantando e ocupando com a sua ginga. Reforma Agrária. Justiça e liberdade, uma canção de roda. Palestina livre: um sonho. Que também é brasileiro, ô, Palestina! Menino livre. Solta pipa e joga bola. Nossa ciranda Convida tuas crianças pra dançar na roda. E de mãos dadas sonhando a liberdades ser conquistada, ô, Palestina! ”

¹¹ A prática da solidariedade e do internacionalismo entre a classe trabalhadora se desenvolveu a partir das lutas internacionais e das contradições de classe. O MST, nesse sentido, contribui na construção de instrumentos capazes de ajudar a articular as lutas. As Brigadas de solidariedade do MST estão divididas em 11 países para que os militantes possam compreender realidades diferentes, fazer contato com outras organizações e trocar experiências.

Figura 1: Plantando Cirandas I



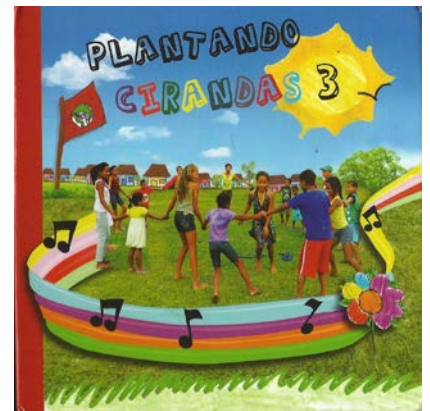
Fonte: MST, 1994

Figura 2: Plantando Cirandas II



Fonte: MST, 2002

Figura 3: Plantando Cirandas III



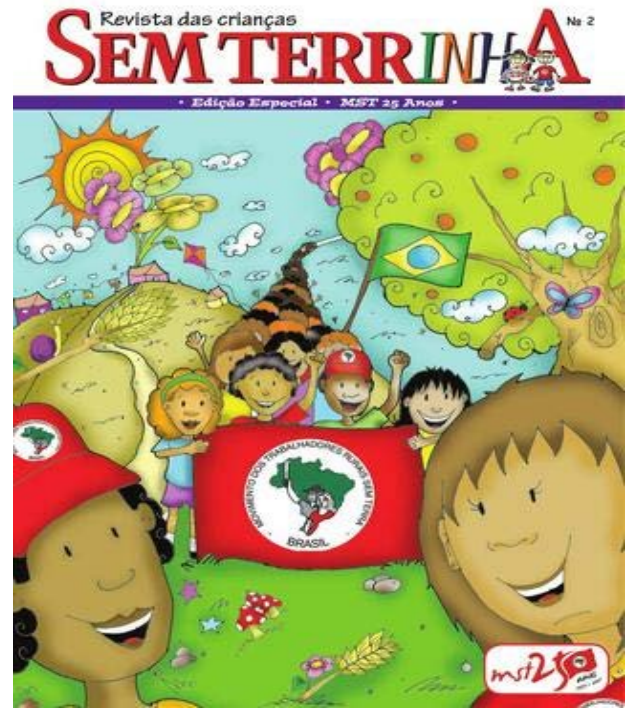
Fonte: MST, 2017b

Figura 4: 1ª edição do Jornal Sem Terrinha



Fonte: MST, 2007c

Figura 5: 2ª edição Revista das Crianças Sem Terrinha



Fonte: MST, 2008

Apesar de toda essa construção nacional, a nível estadual temos pouco ou quase nenhuma sistematização sobre a infância Sem Terra. Isso não significa que aqui não façamos lutas. As crianças, todos os anos, reúnem-se nos Encontros Regionais ou Estaduais, discutem pautas e tomam as ruas, prefeituras e praças para lutar pelos seus direitos e garantir conquistas. Em 2014, nos dias 10 e 11 de Outubro, fizemos Encontros Regionais com crianças dos

Assentamentos Margarida Alves, Palmares e Padre Ezequiel e, depois de dois dias de brincadeiras, trocas de experiências e debates, as crianças montaram uma pauta, convidaram, junto com os adultos, prefeitos, secretários de saúde e de educação para conversarem e discutirem as reivindicações. Entre elas, melhoria nas estradas, monitores de ônibus, atendimento dentário para alunos e funcionários, laboratórios de informática para as escolas dos Assentamentos. Em seguida, as crianças fizeram uma passeata pela avenida da cidade com faixas e bandeiras.

Como mencionado, as crianças Sem Terrinha do Assentamento Palmares se colocam em defesa de seus direitos e dos símbolos de luta do assentamento. A escola Paulo Freire, como parte da luta, decidiu, em uma reunião de pais, que a cor do uniforme dos alunos seria vermelha, que é a cor que simboliza toda a nossa luta e, inclusive, o brasão da escola foi definido em concurso em que todos os alunos participaram. Contudo, cada prefeito ou secretário de educação que toma posse no município tenta mudar a cor pra outra que simbolize o partido ao qual pertence, com o pretexto de que a cor do uniforme faz apologia à violência. Felizmente, temos um conselho escolar bem estruturado que, se unindo aos pais, estudantes e ao assentamento como um todo, consegue fazer com que o nosso símbolo permaneça. A maior apologia à violência é apagarem a nossa história ou o que nos identifique enquanto sujeitos históricos.

Estes antecedentes ajudam a compreender o contexto em que se deu a mobilização para o I Encontro Nacional das crianças do MST entre os sem terrinha de Rondônia e, de forma mais específica, entre as Crianças-Flores do Assentamento Palmares.

2 BRINCAR, ORGANIZAR E MOVIMENTAR

O Setor de Educação, educadores e os Sem Terrinha, durante a reunião da Coordenação Nacional do MST – 23 a 27 de janeiro de 2017, em Fortaleza/CE, verbalizaram o desejo de realizar um encontro em que crianças de todos os estados em que o MST está organizado pudessem participar, e que fosse uma construção dos próprios Sem Terrinha. Assim, a Carta das Crianças Sem Terrinha, da Ciranda Infantil, para a Coordenação Nacional, dizia que:

- Entendemos que a organização coletiva dos Sem Terrinha se faz necessária para nossa formação. Somos os Sem Terrinha e apontamos as seguintes propostas:
- Que o Encontro Nacional dos Sem Terrinha possa ser pensado e construído por nós com o apoio dos adultos.
 - Que seja um espaço alegre, recreativo, esportivo e que seja do nosso jeito.

- Que as palestras não sejam chatas, mas com muita arte e alegria conduzida por nós.
- Nós Sem Terrinha assumiremos nossas responsabilidades: com a divisão de tarefas práticas, coordenação dos dias e noites culturais.
- Queremos também, que nosso Encontro tenha uma alimentação saudável e orgânica (...).

Para isso, poderemos organizar uma marcha com direito a trio elétrico e coordenação dos Sem Terrinha. Nesta marcha também protestaremos contra o fechamento das escolas do campo e a produção de alimentos com venenos e transgênicos que fazem mal a nossa saúde. Para que nosso encontro aconteça precisamos que vocês adultos façam sua parte. É preciso articulação através de encontros de formação dos Sem Terrinha em todos os Estados (MST, 2017c).

Pois, para se sentir parte e sentir que, de fato, o encontro tem a cara dos Sem Terrinha, é preciso garantir a participação das crianças em todos os espaços, tanto na mobilização quanto durante o Encontro. Nesse intuito, o Setor de Educação do MST lançou, ainda em 2017, junto com as crianças, a Jornada de Lutas das Crianças Sem Terrinha rumo ao I Encontro Nacional das Crianças Sem Terrinha e, para os Sem Terrinha, o motivo do Encontro era:

Conhecer os Sem Terrinha dos outros estados, ouvir suas vozes, suas músicas, suas palavras de ordem, conhecer sua cultura, suas danças, suas comidas e tradições. Poder saber como somos por todo o Brasil e também poder abraçar nossos iguais que vivem os mesmos desafios e lutam pelos direitos na cidade e do campo. Queremos compartilhar nosso aprendizado e fazer crescer nossa força (MST, p. 12, 2017c).

2.1 Encontro Estadual de 2017

Lançada a Campanha Nacional, aqui, no Estado, começam os preparativos para possibilitar a participação das nossas crianças. O MST se mobilizou para garantir transporte, alimentação e educadoras(es) para acompanhar as crianças; as crianças se organizaram, junto ao Setor de Educação do MST do Estado, e realizaram o Encontro Estadual nos dias 13 e 14 de Outubro de 2017 com 75 crianças em idade entre 07 e 12 anos, pois, para o Encontro Nacional, a idade seria de 08 a 12 anos. O Encontro que teve como tema “Pode bater o pé e levantar poeira, porque xs Sem Terrinha não estão de brincadeira”.

Empolgadas com a possibilidade de viajarem para Brasília, as crianças escreveram um texto que iria se juntar aos textos dos demais estados para formarem o Manifesto do I Encontro Nacional das Crianças Sem Terrinha¹². Nele, as crianças se colocavam em defesa dos direitos e também da Amazônia, pois entendem a importância de preservar a Floresta.

¹² Manifesto disponível no Anexo I e também no site do MST: <<http://www.mst.org.br/2018/07/24/queremos-que-todas-as-criancas-possam-ser-felizes-e-livres-afirma-manifesto-das-criancas-sem-terrinha.html>>

Interessante que, enquanto liam textos e debatiam, divididos em grupos para a construção do Manifesto, as crianças mostraram que, assim como os adultos, sabiam interpretar textos de acordo com a conjuntura, pois sempre relacionavam com o lugar em que vivem. Tivemos contação de histórias para dormir, muitas brincadeiras, oficinas de poesia, pintura, bate-latas e fotografia, osicineiros, com exceção do icineiro de poesia, foram Sem Terrinha quando crianças. As (os) cozinheiras (os) eram todos dos assentamentos e acampamentos do MST. Ao final do Encontro, fizemos avaliação do mesmo e pedimos sugestão para os próximos, uma das crianças, emocionada, disse que “o que eu mais gostei foi da comida e do amor”. Isso nos dá a dimensão do quanto é importante cuidarmos das nossas crianças, do quanto se faz necessário que olhemos para a infância do campo com um olhar mais atento, que entendamos que criança quer escola, quer comer, quer vestir, quer direitos e também quer amor, carinho e cuidado. As Crianças-Flores, em especial Margarida e Alecrim, lembram com carinho, pois, além de coordenar o Encontro Estadual, também coordenaram as crianças de Rondônia no Encontro Nacional.

A nível nacional, realizamos uma etapa preparatória em Setembro de 2017 na Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF) com duas crianças de cada estado. Em estado de euforia, as crianças e seus pais tinham sempre perguntas novas todos os dias sobre como iria ser o Encontro Nacional, afinal, era o primeiro evento nacional organizado com elas e para elas. O Encontro Nacional, marcado para acontecer entre os dias 28 a 31 de maio de 2018, teve de ser adiado devido à Greve dos Caminhoneiros¹³. As crianças, frustradas, perguntavam quando aconteceria, pois estavam ansiosas para conhecer outros Sem Terrinha, outras realidades.

Em função do adiamento, alguns pais desistiram de deixar seus filhos irem, foi preciso nova mobilização, entrar em contato com os assentamentos e acampamentos e ver o que poderia ser feito. Algumas áreas devolveram todas as vagas que tinham. Foi necessário abrir vagas para o MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores). Frustração e descontentamento se misturaram, uma sensação de que falhamos com as nossas crianças. Sensação essa que foi logo transformada em motivação, a nova data do evento foi divulgada, de 23 a 26 de Julho de 2018, teríamos mais um tempo para continuarmos a mobilizar mais crianças. Ao todo, fomos em 33 pessoas, sendo 22 Sem Terrinha.

¹³ A Greve dos Caminhoneiros foi uma paralisação, por 10 dias, dos motoristas de caminhão onde a principal reivindicação era a redução da carga tributária sobre o diesel. Começou no dia 21/05/2018, ganhando grande adesão da população e causando impactos no mercado e terminou no dia 30/05 com as forças de segurança nacional atuando para desmobilizar os caminhoneiros.

Na semana da viagem, algumas companheiras se reuniram para fazer pães para as crianças tomarem café da manhã e durante o intervalo, entre o almoço e o jantar. Alguns pais doaram frutas como banana, laranja e mexerica.

2.2 A Viagem

Chegado o dia da viagem, estávamos todos em polvorosa, o coração parecia que ia saltar do peito, afinal, era a realização de um sonho da Sem Terrinha que fui, que sou:

Estou em estado de euforia. Sei que a criança Sem Terrinha que reside em mim vai pro Encontro que ela tanto sonhou e vai levando seu sobrinho, sua filha e mais tantas crianças. Tem momentos que a emoção toma conta e me pego lembrando dos tantos Encontros Estaduais, das tantas Cirandas Infantis que ia, primeiro como Sem Terrinha e depois como educadora. Lembro das conversas com os meus companheiros, que já foram Sem Terrinha e hoje ocupam distintos cargos dentro do Movimento. Ah! A gente não fazia ideia de que um dia iríamos ter um Encontro tão grande assim (DIÁRIO DE CAMPO, 23 de Julho de 2018).

As crianças, na empolgação, iam cantando músicas que aprenderam no Encontro Estadual das Crianças Sem terrinha em 2017 e nas Cirandas Infantis, desde que eram ainda menores e em suas casas, haja visto que, em sua maioria, eram filhas (os) de militantes. Músicas como o *Hino do MST*, *Direito de Viver*, *Palestina Livre* e *Ser Criança* nos embalaram e alegraram no trajeto. Marcou-nos, especialmente, a música *O Direito de Viver*, da companheira Djacira, da Região Nordeste, segue um trecho... “Sou criança e sei pensar. Tenho direitos e vou cobrar. Família e um lar para morar. Saúde e Educação. Disso não abro mão. Pois sou um cidadão e vou falar: Criança e adolescente têm direito de viver. Desde antes de nascer”.

Durante a viagem, desafiados para construírem gritos de ordem¹⁴, as crianças se organizaram em três grupos, dentro do ônibus, caneta e papel na mão, imaginação e criatividade, e o sorriso da certeza de um grito que sairia do coração. Cada grupo escreveu o que sintetizava seus conhecimentos e seus sentimentos. Cada grupo representou o que, para si, é ser Sem Terrinha. Assim, os gritos de ordem foram, respectivamente:

Grito de ordem 1:
Somos de Rondônia
Vimos pra Brasília
Para o Primeiro Encontro Nacional dos Sem Terrinha.

¹⁴ Gritos de ordem ou palavras de ordem são parte da mística dos Movimentos Sociais, que nos dão forças e nos motivam a continuar na luta.

*No centro do Brasil
Rondônia está presente
No Encontro Nacional para deixar nossas sementes.*

Grito de ordem 2:
*Somos Sem Terrinha
Povo Camponês
Plantando em nossa Terra
Educação mais uma vez.*

Grito de ordem 3
*Do Centro-Oeste se levantam
As crianças Sem Terrinha
Num grito de liberdade
Brasil, és pátria minha.*
(DIÁRIO DE CAMPO, 23 de julho de 2018).

Este último, por sua vez, tornou-se o grito de ordem não apenas dos Sem terrinha de Rondônia, mas da Região Centro-Oeste, regional em que, pela dinâmica e organicidade do MST, Rondônia está inserida.

Meus sentimentos, alinhados aos sentimentos de muitos outros companheiros e companheiras que estavam conosco, foram de nostalgia e também de sonho realizado, pois conforme relatei em meu Diário de Campo:

Ter ao meu lado minha mãe, minha filha e meu sobrinho neste lugar era algo que eu nunca havia imaginado, mas está acontecendo. Estamos no Parque da Cidade Sarah Kubitschek para o I Encontro Nacional das Crianças Sem Terrinha e é a realização de um sonho da criança que sempre quis conhecer os Sem Terrinha de outros estados. Estar aqui significa muito e estar aqui com minha família torna tudo mais especial. Eu fui dessa primeira geração de Sem Terrinha. É um sonho. Parece um sonho; (DIÁRIO DE CAMPO, 23 de julho de 2018).

Entre as crianças não era diferente, pois o estar e fazer parte do Encontro era extraordinário, o brilho nos olhos, o sorriso da espera ansiosa, as animadas conversas sobre o que esperavam do Encontro, o que encontrariam por lá. Em uma das conversas, pude ouvir que:

A minha maior alegria foi meus pais ter deixado eu ir, sabe? Muitos de vocês eu não conhecia e tô muito feliz de conhecer. Agora imagina o tantão de criança que a gente vai ver... As brincadeiras que vamo aprender! Será que vai ter comida diferente? A gente vai banhar num rio, será? (DIÁRIO DE CAMPO. 20/07/2019).

Nos intervalos entre as conversas e as canções, brincávamos de trava-línguas, de Sorvete Colorido e contávamos histórias que ouvimos dos nossos pais, dos nossos avós. História que nos embalavam o sono quando pequenos, que nos punham medo, histórias da época em que morávamos em acampamentos... Nossas refeições aconteciam sempre em

algum estabelecimento que proporcionasse algum conforto às crianças, com exceção dos lanches das 10:00 e das 16:00, que eram feitos dentro do ônibus em andamento, e era sempre uma algazarra.

2.3 O Encontro

Chegamos ao local do Encontro, o Parque da Cidade Sarah Kubitschek, um dia antes do previsto e, como sempre fazemos, nos pusemos à disposição para contribuir com a ornamentação do espaço. O Encontro contou com a participação de 1200 crianças, acompanhadas por 400 educadores, que participaram de uma programação educativa, lúdica e cultural em acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, na perspectiva do direito à educação e alimentação saudável.

Durante o Encontro, muitas brincadeiras, cantorias, alimentos saudáveis, aprendizado, oficinas, peças teatrais. As crianças conheceram pessoas que, de outra forma, jamais teriam conhecido e se identificaram umas com as outras. Uma das crianças disse que “é bom demais conhecer gente que acredita nas mesmas coisas que eu”, o que nos faz refletir sobre como é importante para a criança ter contato com outras crianças de outras realidades para fortalecer o vínculo e a construção identitária. É nesses espaços de interação, tendo contato com outras crianças, que se constrói a identidade Sem Terrinha como crianças protagonistas do processo de lutas do MST. Pude perceber isso durante o Encontro Nacional:

Hoje o dia foi bem intenso, as crianças interagiram bastante com crianças de outros estados e Sarah, que por não ter idade de participar do Encontro ficou na Ciranda Infantil, começou a chorar me procurando. Quando perguntada de onde era, ela respondia: “Sou do MST, sou do MST”. Deixamos instruções para que dissesse que era de Rondônia, contudo ela se identificava enquanto organização e foi, pra mim, bem mágica essa passagem. (DIÁRIO DE CAMPO, 25 de julho de 2018).

Das crianças, muito se ouvia sobre os corres do dia e sobre o tanto de gente que conheciam. Cada dia que passava, uma novidade que vinha, os adultos só escutavam com atenção e alegria, depois fazíamos os repasses da programação do dia. Ligávamos para os pais ou mandávamos fotografia.

Os horários eram divididos assim: às 06h da manhã era hora de acordar, lavar o rosto para, às 06h50 o café tomar. Às 08h30, havia atividades na plenária, às 10h00, lanche, e ao meio dia, almoço. Às 14h00, tinha oficina, às 16h00, lanche e, às 17h00, atividades brincantes. Às 19h00, jantar, às 20h00, atividade noturna e, às 21h00, momento de se preparar para

dormir. Cada adulto de Rondônia era responsável por acompanhar 3 crianças nas atividades do dia ou dividíamos por oficinas. Na hora das refeições, almoço, lanche e jantar, todos ficavam na fila aguardando, juntos, a hora da comida chegar. À noite, na hora do banho, os companheiros acompanhavam os meninos e, as companheiras, as meninas.

No dia 25/07, fizemos um passeio por Brasília para que as crianças pudessem conhecer o lugar onde é tomada todas as decisões que afetam a vida de cada uma delas, de cada um de nós. Conheceram a Praça dos Três Poderes, viram de perto alguns ministérios e entregaram, no Ministério da Educação, o Manifesto escrito durante o Encontro, para que eles saibam quais são as demandas das crianças Sem Terrinha. O manifesto é um documento muito importante para as crianças por conter um resumo com as reivindicações. Nesse Manifesto, as crianças reafirmam a luta pelo fim da desigualdade, quando dizem que o fizeram “para juntas com as demais crianças, lutarmos por nossos direitos e crescermos num mundo sem desigualdade social e sermos felizes” (MST, 2017b). Diziam, ainda, que “somos filhos e filhas das famílias Sem Terra, moramos nos acampamentos e assentamentos de Reforma Agrária. Junto com nossos pais ocupamos terra para ter alimentos, casa para morar, lugar de brincar e ser feliz” (MST, 2017b), pois crianças têm direito de brincar, de estudar, de sorrir, sonhar e lutar por um mundo melhor.

Figura 6: Passeio por Brasília para conhecer onde são tomadas as decisões sobre o país.



Fonte: Elitiel Guedes.

Durante o passeio, muito protesto e gritos de ordem. As crianças, em coro, cantavam músicas que expressam os sentimentos desses sujeitos da história, “militantes-mirins”. Girassol não quis ficar no espaço da Ciranda Infantil, que era direcionado às crianças que não tinham idade ou condições de participar de todas as atividades do Encontro, e foi conosco no

passeio, conforme ela “não é justo. Eu vim até aqui e não vou participar da caminhada?”. Por ser pequena, não aguentou andar todo o trajeto e foi preciso que a carregassem no colo. Ativa, como sempre, do alto do ombro de um companheiro, ela puxava os gritos de ordem e todas as crianças a acompanhava. Sua foto (Figura 7) saiu no Jornal Sem Terrinha, edição Especial de Julho de 2018, e é difícil transcrever a emoção dela, aos seis anos, em aparecer no jornal mais importante para as crianças que, através das oficinas, foi todo produzido com as crianças. Esta edição especial do Jornal contém as informações do Encontro, o Manifesto das Crianças Sem Terrinha, entrevistas com as crianças e muito mais. Rondônia foi destaque nesta edição do Jornal com um texto produzido com a participação de uma criança aqui do estado. Filho de dirigente, muito sapeca, quando viu seu texto, dobrou e guardou com todo carinho para mostrar à mãe quando retornasse. Destacaram-se, também, outras duas crianças que participaram da equipe de Comunicação, ouço elogios até hoje de como eles eram atenciosos, prestativos e faziam tudo direitinho. As Crianças-Flores, que participavam ativamente de todas as atividades, estavam, a cada dia, mais empolgadas para o que aconteceria no dia seguinte. Duas delas, Margarida e Alecrim, foram os coordenadores das crianças de Rondônia. Participavam de todas as reuniões, juntos com um adulto, e faziam todos os repasses. O passeio dos Sem Terrinha se encerrou na Praça dos Três Poderes, ao lado do Supremo Tribunal Federal, onde realizaram uma ciranda e soltaram faixas com balões onde se lia “Reforma Agrária”, “Educação” e “Saúde”.

Figura 7: Girassol, no ombro do companheiro participando do passeio.



Fonte: Luiz Fernando

O encerramento do Encontro foi de muito riso, abraços e choros. De minha parte, fica a sensação de dever cumprido. Das crianças, o de ter aprendido e a certeza de terem cumprido os combinados, da viagem e do Encontro.

O retorno foi tranquilo, pois mesmo empolgados e cheios de histórias para contar, estavam cansados da semana de brincadeiras e atividades. Ainda, com os livros que ganharam durante o Encontro, escolheram um para que uma companheira pudesse ler a cada parada e hora de dormir.

Proporcionar esse Encontro para as crianças foi importante por diversos motivos. A troca de experiências, o caminhar juntos em fila, cantar o mesmo Hino com os punhos erguidos, hastear a mesma bandeira e sentir a mesma mística fez com que voltassem para casa animados para construir outros Encontros.

Este ano, o Encontro será local e temos certeza que as crianças trocarão experiências sobre o que aconteceu no Nacional com as crianças que não puderam ir. Falarão das brincadeiras e dos compromissos. Falarão das oficinas e do passeio por Brasília. E falarão, principalmente, sobre identidade, sobre direito, sobre lutar, sobre defender suas conquistas.

3 SEM TERRINHA EM MOVIMENTO

Hoje eu venho aqui pra falar de uma coisa que tá rodando eu acho que o Brasil todo. Não sei se todo mundo viu tá sendo até espalhado. É que vieram dizer que a gente tava sendo manipulado, nós crianças Sem Terrinha. Que nós estávamos dormindo no chão, que não era coisa pra gente, que a gente não deveria existir, que o movimento não deveria existir. Gente, assim, eu sou Sem Terrinha desde quando eu nasci, desde recém-nascido minha mãe me levava pros encontros. A gente faz essa luta, gente, com todo amor.¹⁵

Estas foram as primeiras palavras de Júlia, Sem Terrinha de Recife, ao ver, pela primeira vez, o vídeo onde a Record ataca, violentamente, as crianças e o Encontro Nacional das Crianças Sem Terrinha, que aconteceu em Brasília de 23 a 26 de Julho de 2018. Ela, assim como todos nós, ficou indignada ao ouvir que o MST manipula as crianças e se pôs em defesa do MST, do Encontro e do modo de vida que acredita. Assim, sua primeira reação, antes mesmo que os adultos pudessem lançar nota ou resposta ao ataque cruel, foi a de gravar um vídeo resposta com toda sua indignação e com todo o sentimento pertinente à infância Sem Terra.

Vivemos um marco histórico, no momento político atual, de criminalização dos Movimentos Sociais que lutam por direitos básicos (saúde, educação, segurança, acesso à terra, à moradia, alimentação sem veneno...) que deveriam ser fornecidos pelo Estado para a manutenção da vida. O acirramento da luta de classes, nesse período entre 2013 e 2018,

¹⁵ A resposta da Sem Terrinha Julia está transcrita no Anexo II e pode ser encontrada no seguinte endereço: <https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=1194068254091999&id=100004665072796>

possibilitou, ainda, que Movimentos como o MST, fossem lidos, ainda mais intensamente, como Movimentos Terroristas e, na série de reportagens sobre os Sem Terrinha, a Record nos compara à “algum grupo muçulmano radical, como o Estado Islâmico (Daesh) ou Hezbollah. Ou mesmo guerrilheiros das Farc”. Em resposta à Record, Júlia diz que “ficam chamando a gente de bandido vermelho, ficam xingando a gente de agricultores que plantam maconha, xingam a gente de tudo quanto é nome, mas nunca souberam o que é viver sem comida, sem alimento num dia”, nunca souberam o que é faltar o básico para sobreviver dignamente.

Em um dos trechos do vídeo exibido pelo programa *Domingo Espetacular*, um dos especialistas entrevistados faz um apelo a autoridade ao citar o artigo 227 do Estatuto da Criança e do adolescente que diz ser “dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer (...), além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”. O MST, sendo um Movimento que luta pela igualdade de direitos e por uma sociedade mais justa, garante, através da luta, que as crianças tenham acesso aos direitos fundamentais de existência. Júlia, rebate ao dizer que:

um acampamento, faz três meses ou quatro, que foi queimado. Mas pra isso cês não pensaram que tinha criança dentro. Os policiais não pensaram que tinham criança dentro, né? Porque ali tinha mais de 48 famílias, se eu não me engano. Menos, acho que menos. Mas vocês não pensaram. Então pense que a gente só quer fazer a nossa luta, a gente tá tentando fazer a nossa luta porque a gente quer. A gente não tá sendo manipulado.

O MST destaca, em nota, em consonância com a indignação das crianças, que “a matéria apresenta ‘especialistas’ em direitos da criança, mas não entrevista qualquer representante de entidades oficiais de defesa da infância e juventude, menos ainda de integrantes do MST” e diz, ainda, que “não fosse a capacidade de organização das famílias camponesas, o que inclui as próprias crianças, muitas delas viveriam à margem de direitos, ‘sob o silêncio sepulcral’ da mídia tradicional brasileira”. Enquanto a grande mídia se põe a serviço desse jogo político para atacar crianças que fazem parte de um Movimento que luta pela transformação da sociedade, 23.973 crianças e adolescentes estão em situação de rua¹⁶ e, destes, 23,2% dormem nas calçadas, viadutos, praças, rodoviárias e, sem nenhum cuidado, estão em completo abandono por parte do poder público e da mesma mídia, que se lança contra aqueles que estão em defesa do campo, da saúde, da educação e da soberania alimentar.

¹⁶ Segundo dados da CONANDA disponível em: <https://www.direitosdacrianca.gov.br/migrados/pesquisa-do-conanda-revela-as-condicoes-de-vida-de-criancas-e-adolescentes-em-situacao-de-rua>.

Em diálogo com as Crianças-Flores, o sentimento é o mesmo: o de revolta por “contarem uma mentira dessas” e ainda se indagavam o porquê “não vieram conversar com a gente? Se tão falando da gente, tem que vim conversar com a gente”. Não é de admirar que não ouçam as crianças, pois não os veem como sujeitos de vontades que intervêm no mundo em busca de seus diretos, pelo contrário, só os enxergam, de fato, como seres manipuláveis, sem desejos, sem um querer. Ao terem acesso ao vídeo e aos comentários tecidos por aqueles que concordam com a extinção do MST e de tudo o que representam, apontaram que, “falam isso porque não nos conhecem, não conhecem o MST. Não sabem da importância da gente pro MST e do MST pra gente” (JASMIM, 2018), e, ainda, que “quando eu não vou em alguma atividade que as crianças se reuni e tem Ciranda, eu fico chateada”. Margarida e Girassol, que são as mais assíduas nas Cirandas disseram que “é um espaço em que a gente aprende muitas coisas”. Margarida ainda complementa:

a gente percebeu a importância de plantar sem veneno foi nas palestras que a gente assistiu, né Girassol? E aí viemos conversando com nossos pais e descobrimos que eles estavam estudando a mesma coisa que a gente. E eles vem dizer que a gente tá sendo manipulado. Nunca. A gente gosta de participar e ser parte dos encontros (MARGARIDA, 2018).

Perguntados se o MST usa as crianças, em uníssono, responderam “não” e Alecrim acrescentou “eu sei o que é o MST. E queria entender o porquê eles (a RECORD) estão falando essas coisas. Porque se o MST é ruim, eu também sou ruim porque eu sou o MST. E a maioria das vezes que tem que ir pra algum lugar tem que ir com o pai e a mãe que sabe o que é a coisa, se é bom ou ruim”.

Todo esse alvoroço da Record e a forma como as crianças se colocaram à frente para defender o que acreditam, me remete a uma lembrança, de dezembro de 2018, quando estávamos eu, Sarah e alguns amigos no Acampamento Margarida II, acompanhando uma turma da UNB que estava de visita, a caminho de Xapuri, município onde Chico Mendes foi assassinado a 30 anos. Girassol, perguntada sobre o porquê a cada instante dizia ser Sem Terrinha, respondeu “eu tenho casa, tenho roupa, escola, comida na mesa. Tenho meus pais por perto. Tenho muita coisa, até brinquedo eu tenho. E sei que muita criança não tem. Então eu sou Sem Terrinha pra lutar por elas, por essas crianças. Para que todas tenham o que eu tenho” (GIRASSOL, 2018). É por isso que lutam as crianças Sem Terrinha. É por isso que luta o MST. Por igualdade.

Júlia, ainda criança, retratou, em poucos mais de 6 minutos de vídeo, o sentimento de todo Sem Terra e todos os que lutam por igualdade e por justiça, pois, conforme ela expôs, “ninguém do MST vai descansar enquanto a gente não conseguir lutar pelas nossas terras e derrubar o capital”. O que vai de encontro ao que o MST disse em nota: “enquanto movimento de luta pela terra, pela Reforma Agrária e pela transformação da sociedade, continuaremos defendendo os direitos e a cidadania plena para todas as pessoas, em especial aquelas que vivem no campo”.

Como já mencionado, a infância Sem Terra era o centro de meu interesse, de minha pesquisa, por todo seu histórico de lutas e protagonismo de conquistas importantes para infância do campo, como é o exemplo das mais de 2 mil escolas públicas para as áreas de reforma agrária reconhecidas pelo Ministério da Educação que atendem 200 mil crianças, adolescente e jovens. Depois de todo esse estardalhaço promovido pela Record, tornou-se ainda mais necessário que as vozes das crianças ecoassem com mais força, mais vigor.

Após a reportagem da Rede Record, O Ministério Público abriu procedimento para investigar as circunstâncias do Encontro. O caso foi arquivado, pois o Órgão entendeu não haver violação de direitos e que “pelo contrário, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra tem sido ativo ator social na luta pelo direito à educação das crianças e adolescentes do campo. Por fim, ressalte-se que o 1º Encontro Nacional das Crianças Sem Terrinha está inserido no contexto das manifestações democráticas de uma sociedade plural, realizada de forma legítima, legal e constitucional”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Criança é pra ser feliz,
pra ser feliz tem que brincar
pra brincar tem que sorrir,
pra sorrir tem que lutar!”*

Nas discussões que abrem este texto, apresentei um relato sobre como foi crescer em acampamento e assentamento. Estudar em escola no assentamento, fazer parte da luta do Movimento que me proporcionou tanto aprendizado, que me possibilitou espaços de conviver e aprender com o outro e comigo. Apresentei a Infância enquanto categoria e, mais que isso, apresentei uma infância, lugar de sujeito que luta por seus direitos, que está atenta ao que acontece ao seu redor. Uma infância que se orgulha de ser Sem Terrinha e de lutar por igualdade, por justiça, por terra, escola e pão. Uma infância que não luta apenas para si, mas

por todas as infâncias. Uma infância que se coloca contra violência, contra opressão, contra um governo que retira direitos. Uma infância que se coloca a favor da vida.

Memorar minha infância é me emaranhar na história do próprio MST. É me refazer e me reconstruir enquanto sujeita protagonista de uma história que não é só minha, é nossa, é de classe. Da Classe Trabalhadora. Compreendo assim, que a Infância Sem Terra, entendida enquanto categoria, tece, desde a gestação do MST, a sua própria história e ao fazê-lo, tece, também, a história do MST e da luta de classes. É se construindo enquanto Movimento, enquanto classe, enquanto sujeito, debatendo pedagogicamente os direitos e deveres, que a Infância Sem Terra se torna um fator importante para a formação humana de sujeitos comprometidos com a luta por terra, trabalho, pão, escola, casa, enfim, comprometidos com a justiça social.

A Infância Sem Terra de Rondônia constrói seus espaços de encontros (locais, regionais ou estaduais) partindo da necessidade de debate sobre a infância, seus direitos e deveres, mas, também, sobre suas conquistas. Cada encontro é marcado por grandes aprendizados. Torna-se expressivo a forma como estes momentos fazem com que as crianças aprendam sobre solidariedade, amizade, carinho, companheirismo, compromisso, união e força. Aprendem o valor de um sorriso, de um abraço, de um olhar. Expressivo também a forma como as crianças Sem Terra se lançam na defesa de si, dos seus e do Movimento. Ecoa em todos nós as palavras de Júlia, as palavras das Crianças-Flores. Ficamos todos repetindo que o que fica de bom, além do aprendizado, são os laços que criamos e cultivamos nessas caminhadas, que é significativo no olhar de cada criança. Crianças que nos ensinam que a resistência está no *front*, mas está na folia também, está na luta e na dança, no sorriso, no olhar, no aprender e ensinar, destacando a infância como um direito.

SEM TERRINHA EN MOVIMIENTO: LA VISIÓN DE LA INFANCIA SIN TIERRA

RESUMEN

Este artículo presenta la visión de los niños del Movimiento de Trabajadores Rurales sin Tierra (MST) en Rondônia sobre lo que es crecer en campamentos y asentamientos, sobre ser un niño y estar en la lucha por la tierra y los derechos. A través de la investigación participante, el artículo discute la formación de sujetos emancipados y emancipados a través de la lucha del movimiento social, asumiendo que el niño Sin Terrinha tiene una historia de vida, interacciones y acciones. La investigación tuvo como objetivo resaltar las luchas y el protagonismo de la infancia sin tierra en el estado de Rondônia, estableciendo un corte en

torno a los procesos organizativos de los niños del asentamiento de Palmares para garantizar su participación en la Reunión Nacional de Niños sin Tierra, celebrada en julio de 2018. en Brasilia, incluida la organización de la Reunión del Estado y los acontecimientos desde su regreso a casa. Es expresivo cómo los momentos de interacción de Sem Terrinha con otros hacen que los niños aprendan sobre la solidaridad, la amistad, el afecto, el compañerismo, el compromiso, la unidad y la fuerza y cómo se convierten en fuerzas para luchar.

Palabras clave: Educación rural. Reforma agraria. Infancia Sin Terrinha Lucha por la tierra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Josemir Almeida; PACÍFICO, Juracy Machado. Infâncias e a escola rural: traçados e bordados. **R. Educ. Públ.** Cuiabá, v. 27, n. 65/1, p. 385-404, maio/ago. 2018.

BOGO, Ademar. O Vigor da Mística. **Caderno de cultura nº 2.** São Paulo: MST, 2002

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Correa. A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Rev. Ed. Popular**, Uberlândia, v. 6, p.51-62. Jan. /dez. 2007.

BRANDÃO, CARLOS RODRIGUES. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **SOCIEDADE E CULTURA**, V. 10, N. 1, JAN./JUN. 2007, P. 11-27.

DALMAZ, Dayane Santos Silva; SCARMOCIN, Daiane. **A ciranda infantil do movimento Sem Terra no brasil:** formação política na infância. UNICENTRO. 2011.

DIÁRIO DE CAMPO. Produzido por Thaís Luanne Costa de Oliveira. Julho de 2018.

GIRASSOL. **Criança entrevistada por Thaís Luanne Costa de Oliveira.** 2018.

JASMIM. **Criança entrevistada por Thaís Luanne Costa de Oliveira.** 2018.

MARGARIDA. **Criança entrevistada por Thaís Luanne Costa de Oliveira.** 2018.

MOVIMENTO SEM TERRA (MST). Escola, Trabalho e Cooperação. **Boletim da Educação** n. 4. São Paulo, 1994.

_____. **Crianças em Movimento:** As Mobilizações Infantis no MST. Coleção Fazendo Escola nº 2. São Paulo, 1999.

_____. II Seminário Nacional da Infância Sem Terra. *In:* **Caderno de Educação nº 14:** EDUCAÇÃO NO MST-MEMÓRIA. Junho 2017a.

_____. Manifesto do 1º Congresso infantil do MST. *In:* **Caderno de Educação nº 14:** EDUCAÇÃO NO MST-MEMÓRIA. Junho 2017b.

_____. **REVISTA DAS CRIANÇAS SEM TERRINHA:** Rumo ao I Encontro Nacional dos Sem Terrinha. MST. Agosto 2017c.

RISSO, Edson; *et al.* A infância e a criança no e do campo. *In. Como se formam os sujeitos do campo?* IDOSOS, ADULTOS, JOVENS, CRIANÇAS E EDUCADORES. Org. Caldart, Roseli Salete; Paludo, Conceição; Doll, Johannes. Brasília: PRONERA: NEAD, 2006.

ROSSETO, Edna Rodrigues Araújo; SILVA, Flávia Tereza da. Ciranda Infantil. *In. Dicionário da Educação do Campo.* Org. Caldart, Roseli Salete. *Et al.* 2º edição. RJ/SP. Expressão Popular. 2012.

SILVA, Ana Paula Soares; FELIPE, Eliana da Silva; RAMOS, Marcia Mara. Infância do Campo. *In. Dicionário da Educação do Campo.* Org. Caldart, Roseli Salete. *Et al.* 2º edição. RJ/SP. Expressão Popular. 2012.

ANEXO I

MANIFESTO DAS CRIANÇAS SEM TERRINHA

Quem são vocês? Os Sem Terrinha outra vez!
 O que que traz? A vitória e nada mais!
 Essa onda pega? Essa onda já pegou!
 Pra anunciar: que o Sem Terrinha já chegou!

Nós, Crianças Sem Terrinha, realizamos o nosso 1º Encontro Nacional em Brasília, de 23 a 26 de julho de 2018. Estamos bem felizes!!!

Desde 1994, todos os anos, fazemos em nossos estados a Jornada Nacional das Crianças Sem Terrinha. Há algum tempo, preparamos o Encontro, conversamos com muitas crianças sobre como é a vida em nossos assentamentos e acampamentos. A gente brinca, grita, canta, estuda e também luta. Por isso, viemos para esse Encontro gritando: “Sem Terrinha em Movimento: brincar, sorrir, lutar por Reforma Agrária Popular!”.

O Encontro é um espaço pra gente conhecer muitas crianças Sem Terrinha e crianças de outros movimentos populares do campo e da cidade do Brasil e de outros países. Já conhecemos a história de luta das crianças da Palestina, da Síria, do Haiti, de Cuba e da Venezuela. Queremos que todas as crianças do Brasil e do mundo possam ser felizes e livres, soltar pipa, jogar bola, brincar de roda e estudar.

Fizemos esse Manifesto das Crianças Sem Terrinha, para juntas com as demais crianças, lutarmos por nossos direitos e crescermos num mundo sem desigualdade social e sermos felizes.

SOMOS SEM TERRINHA!

Somos Crianças Sem Terrinha do MST! Somos filhos e filhas das famílias Sem Terra, moramos nos acampamentos e assentamentos de Reforma Agrária. Junto com nossos pais ocupamos terra para ter alimentos, casa para morar, lugar de brincar e ser feliz.

Ajudamos nossa família com os trabalhos da roça e a cuidar dos animais. Gostamos de comer os alimentos que plantamos. Queremos alimentação saudável nas escolas do campo, com lanches de qualidade. Gostamos de morar e dormir na roça!

Participamos das atividades, de lutas e reuniões e estudamos no campo.

Ser Sem Terrinha é muito legal! Brincamos na Ciranda Infantil, tomamos banho de rio, soltamos pipa, pulamos corda, brincamos de esconde-esconde, pega-pega, jogamos bola, donas da rua e até bolinhas de gude.

Gostamos da natureza, de olhar para o céu, brincar com as nuvens, sentir o vento. Gostamos de aprender como uma semente germina na terra, como que a plantinha cresce, como a terra pode ser linda e nos dar alimentos gostosos.

Por tudo isso, organizamos esse nosso 1º Encontro Nacional pra dizer que temos o direito de viver bem. E vamos lutar pelos nossos direitos, junto com nossos pais, com o MST e com outras crianças do Brasil e do mundo.

LUTAMOS PRA SER FELIZ!

Lutamos por terra e Reforma Agrária Popular, que é dividir a terra, para que as famílias possam ter educação, saúde e cultivar alimentos saudáveis. Em nossos assentamentos e acampamentos já temos a produção de alimentos orgânicos, agroecológicos e tem até agroflorestas, com muita coisa bonita pra ver e pra comer. Produzimos diversos alimentos gostosos e sem veneno: banana, feijão, macaxeira, melancia, arroz, cana de açúcar, legumes, etc.

Estamos aprendendo a preservar o meio ambiente, a cuidar melhor do lixo e vamos cuidar das matas, das florestas e dos nossos assentamentos e acampamentos.

Ainda não fizeram a Reforma Agrária do jeito que precisa, mas nós vamos ajudar a fazer!

É preciso melhorar nossas condições de vida no campo e também na cidade. Nós queremos que as crianças da cidade também comam comida sem veneno!

Lutamos por nossos direitos, que não são cumpridos: nossas estradas são ruins e esburacadas; o transporte escolar quase sempre quebra e entra muita poeira; muitas escolas estão sendo fechadas e outras são longe de nossas casas; falta material e temos poucos livros pra ler.

As escolas do campo precisam ter melhores condições. Queremos que sejam construídas quadras de esportes, refeitório e parquinho infantil, que o pátio das escolas seja grande pra podermos brincar. A alimentação das escolas precisa melhorar, ter mais produção da reforma agrária e da agricultura camponesa familiar.

Queremos que nossas escolas sejam bonitas e agradáveis, que tenham hortas, aulas de espanhol, biblioteca, música, dança, teatro, desenho, pintura, que sejam seguras e boas de estudar. Queremos assistir filmes e poder fazer passeios pra conhecer outros lugares, outras artes, outras pessoas. Lutamos para garantir uma educação que faça parte da vida do campo, nos respeite como crianças e que respeite as populações do campo e da cidade.

Lutamos contra os preconceitos, o desrespeito com as pessoas e por igualdade de direitos.

Com nossos pais e com o Movimento, lutamos por escola; moradia digna; cooperativas; acesso à luz, água boa e encanada; postos de saúde também com tratamento natural; transporte escolar. Nós queremos tudo isso para que todo mundo tenha uma vida digna.

Lutamos por terra, escola, saúde e educação, desses direitos não abrimos mão!

SEM TERRINHA EM MOVIMENTO:

BRINCAR, SORRIR, LUTAR POR REFORMA AGRÁRIA POPULAR!

ANEXO II

Resposta Julia, Sem Terrinha Ceará

“Às vezes me chamam de negro, pensando que vão me humilhar. Mas o que eles não sabem é que só faz me lembrar. Que eu venho daquela raça que lutou pra se libertar’. Hoje eu venho aqui pra falar de uma coisa que tá rodando eu acho que o Brasil todo. Não sei se todo mundo viu tá sendo até espalhado. É que vieram dizer que a gente tava sendo manipulado, nós crianças Sem Terrinha. Que nós estávamos dormindo no chão, que não era coisa pra gente, que a gente não deveria existir, que o movimento não deveria existir. Gente, assim, eu sou Sem Terrinha desde quando eu nasci, desde recém-nascido minha mãe me levava pros encontros. A gente faz essa luta, gente, com todo amor. Nós, Sem Terra. A gente não faz essas coisas por causa do PT, é por causa dessas coisas não, é porque a gente quer. Mesmo sendo do PT, respeite, porque todo mundo respeita o jeito que você fala, todo mundo respeita sua raça, todo mundo respeita o seu partido. Mas pra respeitar a gente, nós do MST, ninguém tem essa compreensão. Ficam chamando a gente de bandido vermelho, ficam xingando a gente de agricultores que plantam maconha, xingam a gente de tudo quanto é nome, mas nunca souberam o que é viver sem comida, sem alimento num dia. Nunca souberam o que é ser um acampado, um assentado. Nunca lutaram, nunca tiveram que lutar pela suas terras porque tem tudo na mão. Os mesmos burguesinhos que pegaram e postaram essa coisa na rede da Record e os que comentaram. E nós, Sem Terrinha, nós aprendemos que devemos cultivar nossa terra, nós plantamos alimentos sem agrotóxicos, nós somos educados por excelentes professores, filhos de assentados e acampados que também frequentam o MST e a gente não é vagabundo, gente. A gente só quer lutar pela nossa terra que foi roubada pelo governo do capital. Imagine se vocês perdessem a casa de vocês, quê que vocês iriam fazer? Vocês não iriam lutar? Do mesmo jeito é o MST, ele constrói os acampamentos pra gente que não tem moradia, que mesmo sendo lutadores, e mesmo sofridos, fazem a luta com amor, vão pra cima. É isso. E a gente estuda, a gente não vive de sustento do nosso pai, a gente... a gente vive do sustento dos nossos pais, desculpa. Mas a gente estuda. Somos filhos do agricultores acampados e assentados que mesmo excluídos, fazem a luta com amor. A gente só quer ter nossa terra. Então, se você respeita a cor da pessoa, tudo da pessoa, você também tem que respeitar o que a gente quer ser. E as crianças pequenas que estavam lá, só pra vocês terem uma ideia, as crianças pequenas que estavam lá, estavam acompanhadas dos pais. E tudo que a gente falou Fora Temer, fora o capital, a gente tava falando que a gente vê o que acontece. Tanto negro sendo assassinado, tanto gente, tanta gente sendo assassinada por injustiça. Vocês nunca pensam, o governo capitalista nunca pensa que a gente luta que é pros nossos pais viverem à custa da gente, não. O que a gente vê, a gente não só vê na TV, como a gente vê na realidade. Que um acampamento, faz três meses ou quatro, que foi queimado. Mas pra isso cês não pensaram que tinha que tinha criança dentro. Os policiais não pensaram que tinham criança dentro, né? Porque ali tinha mais de 48 famílias, se eu não me engano. Menos, acho que menos. Mas vocês não pensaram. Então pense que a gente só quer fazer a nossa luta, a gente tá tentando fazer a nossa luta porque a gente quer. A gente não tá sendo manipulado. E eu encerro esse vídeo, me desculpe o que eu tenho falado, não sei se você se ofendeu, mas desculpa. Eu só queria falar isso porque eu também to muito triste porque falaram isso e disseram que a gente tava sendo manipulado sem saber o que a gente passa no nosso dia a dia. Sem nunca ter convivido num assentamento. Então, eu encerro com essas palavras e MST, ESSA LUTA É PRA VALER! E ninguém do MST vai descansar enquanto a gente não conseguir lutar pela nossas terras e derrubar o capital”.